



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,
ARTES E DESIGN
FAMECOS

REVISTA FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 30, p. 1-13, jan.-dez. 2023

e-ISSN: 1980-3729 | ISSN-L: 1415-0549

<https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2023.1.43369>

SEÇÃO: MÍDIA E CULTURA

Consumo e estilo de vida: anotações para o estudo das identidades de classe da classe média das ecovilas¹

Consumption and lifestyle: notes to studying ecovillages middle class identities

Consumo y estilo de vida: apuntes para el estudio de las identidades de clase de la clase media de las ecoaldeas

Veneza Mayora Ronsini²

orcid.org/0000-0002-8669-3148

venezar@gmail.com

Recebido em: 14 jun. 2022.

Aprovado em: 27 fev. 2023.

Publicado em: 31 maio, 2023.

Resumo: A discussão de questões de fundo da estrutura da sociedade capitalista se revela obrigatória para a pesquisa empírica em andamento sobre as relações entre práticas de comunicação e a nova identidade da classe média neorrural das ecovilas. Se a busca por uma relação sustentável com a natureza é o fato mais visível na formação das ecovilas, as razões do protagonismo da classe média e o papel das mídias digitais na constituição de modos sustentáveis são pouco estudados. O objetivo deste artigo é apresentar alguns resultados a respeito do contexto e das mediações estruturais que motivaram a mudança de estilo de vida, retomando a noção de alienação do trabalho, do consumo e dos seres humanos em relação à natureza. Pretendemos, então, no decurso da próxima etapa da investigação, compreender o papel das práticas de comunicação interpessoais e das mediadas pelos dispositivos técnicos na reconfiguração das identidades de frações da classe média.

Palavras-chave: mediações; identidades de classe; ecovilas.

Abstract: Discussing substantive issues of the structure of capitalist society proves to be mandatory for ongoing empirical research on the relationship between communication practices and the new identity of the neo-rural middle class of ecovillages. If the search for a sustainable relationship with nature is the most visible fact in the formation of ecovillages, the reasons for the protagonism of the middle class and the role of digital media in the constitution of sustainable ways of life are understudied. The objective of this article is to present some results regarding the context and the structural mediations that motivated the change in lifestyle, returning to the notion of alienation of work, consumption and human beings in relation to nature. We aim, then, during the next stage of the investigation, to shed light on the role of interpersonal communication practices and those mediated by technical devices in the reconfiguration of the identities of fractions of the middle class.

Keywords: mediations; class identities; ecovillages.

Resumen: La discusión de cuestiones sustantivas de la estructura de la sociedad capitalista resulta obligatoria para la investigación empírica en curso sobre las relaciones entre las prácticas de comunicación y la nueva identidad de la clase media neo-rural de las ecoaldeas. Si la búsqueda de una relación sostenible con la naturaleza es el hecho más visible en la formación de ecoaldeas, las razones del protagonismo de la clase media y el papel de los medios digitales en la constitución de modos sostenibles son poco estudiados. El objetivo de este artículo es presentar algunos resultados sobre el contexto y las mediaciones estructurales que motivaron el cambio de estilo de vida, retomando la noción de alienación del trabajo, el consumo y el ser humano en relación con la naturaleza. Por lo tanto, en el transcurso de la próxima etapa de la investigación, pretendemos comprender el papel de las prácticas de comunicación interpersonal y las me-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ O artigo é um excerto de projeto de pesquisa que recebeu auxílio do Programa de Internacionalização CAPES/Print – Edital 41/2017.

² Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

diadas por dispositivos técnicos en la reconfiguración de las identidades de las fracciones de la clase media.

Palabras clave: mediaciones; identidades de classe; ecoaldeas.

Introdução

O objetivo do texto é caracterizar o modo de vida da classe média das ecovilas rurais de forma a compreender as alterações em uma identidade historicamente constituída pelo urbanismo e pela distinção no consumo desde o aparecimento da burguesia. A discussão barberiana das mediações (LOPES, 2018; ESCOSTEGUY, 2019; RINCÓN *et al.*, 2021) e a observação empírica³ inspira-nos a entender o fenômeno a partir da formulação de três categorias teóricas sugeridas pelo autor, ao longo da sua obra: sociabilidade, identidade, redes.

A categoria sociabilidade é abordada a partir de duas dimensões fundantes para as relações sociais e as identidades de classe, a saber, trabalho e consumo. A noção de redes (COGO; BRIGNOL; MARTINEZ, 2019) abarca as interações sociais, as interações mediadas por computadores e telefones inteligentes e a comunicação em rede pelas plataformas digitais do Facebook, Instagram e sites. Ela é tematizada a partir de dados preliminares sobre sua importância contextual na formação das ecovilas, e, logo, nas identidades da classe média.

Limitamo-nos aqui a apresentar os argumentos teóricos e empíricos acerca das categorias trabalho e consumo, articulados à questão da identidade de classe, e desenvolvidos por meio de observações, registradas na pesquisa de campo em ecovilas rurais, e pela consulta da bibliografia sobre ecovilas. As ecovilas, neste estudo, são comunidades espaciais laicas cujo propósito é viver no meio rural de forma sustentável, gerando parte da renda destinada às necessidades básicas a partir do trabalho coletivo de seus moradores.

Os argumentos são o primeiro passo para o estudo posterior dos vínculos entre identidade

de classe e práticas de comunicação, aqui referidas como parte dos processos que envolvem o consumo de bens em geral e o consumo de mídia em particular - concebido não somente como recepção de conteúdos midiáticos pelos moradores de ecovilas, mas como uso e apropriação da mídia para produção de conteúdos próprios.

Começamos com alguns comentários empíricos e com a teorização de larga escala associada à especificidade da investigação sobre as relações entre novas formações identitárias de indivíduos de classe média moradores de ecovilas rurais e os usos da mídia. Essa teorização diz respeito ao capitalismo como ordem social institucionalizada que origina uma "forma de vida" constituída por práticas sociais, econômicas e culturais (FRASER; JAEGLI, 2020, p. 158).

Pois bem, pretendemos deixar claro como o contexto social e econômico, sobretudo o brasileiro, incide nas mudanças no padrão de vida da classe média ensejando a constituição das ecovilas como alternativas para solucionar alguns dos dilemas associados à vulnerabilidade financeira de grande parte da classe média brasileira, situação que pode se repetir em outros países, pois, segundo a Organização Mundial do Comércio, a classe média tem visto seu padrão de vida estagnar ou cair enquanto aumenta o endividamento das famílias que gastam mais do que ganham. A gravidade da situação fez com que a OMC afirmasse sobre a importância de políticas públicas que revertam esse quadro de forma a beneficiar um grupo que "é motor do crescimento econômico e pilar da estabilidade social" (MORI, 2019, p. 4). O aumento dos custos em consumo - moradia, alimentação, vestuário, saúde e educação - desproporcionalmente aos ganhos e às escassas oportunidades de mobilidade devido à precarização do trabalho gera "a sensação de que o sistema é injusto".

A insatisfação com o sistema capitalista e a necessidade do equilíbrio entre renda e consumo induz à procura por um novo modo de vida,

³ O caráter do texto é de um ensaio teórico, por isso, e até mesmo por razões de espaço, apresentamos poucos detalhes sobre a metodologia empregada e não descrevemos as comunidades estudadas, apresentando breves considerações sobre elas que foram objeto de outro texto já publicado (RONSINI, 2021). A pesquisa segue as diretrizes e normas éticas na proteção dos informantes, no cuidado do material coletado e preserva o anonimato dos informantes.

diferente do urbano, e no qual alguns valores culturais associados à classe média se mantêm, dentre eles, o significado central da natureza para seu estilo de vida (EDER, 2002, p. 222). Mas a natureza é também vital por outra razão: sendo mais barata a vida no campo, a posse coletiva da terra permite a solução para o problema da moradia, do lazer e do acesso aos meios de subsistência, como, por exemplo, a produção de parte dos alimentos consumidos e o uso compartilhado de equipamentos e instalações. Assim, parece fazer sentido afirmar que se trata de uma ação coletiva voltada para a solução prática de questões referentes à justiça distributiva e não meramente de uma questão de reconhecimento identitário. No caso estudado, trata-se de reconhecimento pautado em modo de vida de grupos específicos de classe média em relação ao modo de vida hegemônico caracterizado pela perseguição da mobilidade social, do elogio ao mérito, da consagração de estilos pelo consumo, da afinidade com as visões de mundo da mídia massiva.

O *habitus* da classe média é reconfigurado através da experiência da migração urbano-rural, ao mesmo tempo que mantém disposições originárias dos padrões de socialização anteriores a essa mudança. Diferentemente da proposta de Bourdieu em investigar o ajustamento do *habitus* às posições econômicas, temos uma situação de parcial desajustamento cultural entre *habitus* e posição e precisamos entender as identidades de classe não como diretamente derivadas das posições objetivas, mas como reivindicações de pertencimento que são contestadas e negociadas (SKEGGS, 2002, 2004, 2005) em um processo de identificação e desidentificação com certas disposições.

Classe, em sua modalidade mais básica de definição, é um "princípio organizador da estrutura social" (EDER, 2002, p. 284) do sistema capitalista mesmo que não tenhamos evidências de que é um "ator político" (EDER, 2002, p. 300). Além disso,

as dificuldades para sua abordagem começam quando afirmamos, a exemplo do sociólogo Klaus Eder, que a classe média protagoniza um antagonismo centrado em outros assuntos além da exploração e da injustiça. Em nossos próprios termos, segmentos de classe média migram para o meio rural, constituem ecovilas baseadas em um modo de vida ecologicamente sustentável, entre outras razões, para lidar com a exploração e a injustiça, mas expressam o desconforto com a crise econômica que os atinge a partir de orientações culturais extraídas do ecologismo e do individualismo das diferenças, o primeiro presente na mídia a partir dos anos 1970 (CASTELLS, 1999, p. 161), o segundo institucionalizado nas diferentes etapas da modernidade (CENCI, 2013).

O ecologismo dos movimentos ecológicos é adotado pela classe média brasileira já na década de 1970, mas é somente nos anos 1990 que ele é convertido, a partir dos princípios permaculturais, em um estilo de vida sustentável pela classe média das ecovilas ou de empreendedores rurais praticantes da agroecologia. Paralelamente, outros atores sociais, como os trabalhadores da agricultura familiar e os trabalhadores assentados do MST fazem a passagem de uma agricultura convencional para a agricultura ecológica (SPINELLI, 2020). As ações ecológicas de grupos sociais incluem (BRANDENBURG, 2005) também indígenas, seringueiros, organizações e associações da sociedade civil que agem em defesa da agroecologia e da preservação do ambiente natural, além daqueles filiados ao ativismo ecológico popular (MARTINEZ ALIER, 2011).

Se usarmos a tipologia⁴ dos ecologismos ou movimentos sociais ecológicos do economista Martínez Alier (2011, p. 38-39) – ecologismo dos pobres, ecologismo da ecoeficiência e o do culto à vida silvestre – os dois últimos parecem ter a simpatia da classe média. No caso do grupo de classe média estudado, podemos afirmar que seu ecologismo, por um lado, não envolve a luta por

⁴ A tipologia *Buen Vivir* merece ser mencionada em função de ser um modelo de desenvolvimento do Sul Global que foi concebido com vistas à construção de sociedades pós-capitalistas, no contexto da filosofia da libertação (PERUZZO: VOLPATO, 2019, p. 17) e se inspira na cosmovisão indígena para pensar e construir relações harmoniosas entre seres humanos e natureza (SOLÓN, 2017). Em nosso entendimento, os propósitos das ecovilas são mais afinados com os ecologismos do que com os ideais do *Buen Vivir* em função do seu caráter explicitamente político.

justiça ambiental ou social, embora esteja relacionada a um déficit de justiça distributiva; por outro, combina certas características do ecologismo dos pobres com o ecologismo da ecoeficiência e o do culto à vida silvestre. Assim como os grupos subalternos, eles necessitam explorar os recursos naturais, ainda que, respectivamente, pensam ser necessário tanto combinar o manejo sustentável com o uso de novas tecnologias, como preservar áreas que abrigam a vida selvagem. E justamente por este fato, prospectamos uma possível comunicação entre classes baseada no interesse comum em defender o direito de uso dos recursos naturais que, afinal, devem ser compatíveis com a conservação e regeneração ambiental, preocupação comum na classe média.

Entretanto, a dificuldade é pensar como a comunicação entre classe média, trabalhadora e comunidades tradicionais pode favorecer uma ação comum em prol da sustentabilidade ecológica. Se existe a possibilidade de comunicação e ação, a dimensão política e a comunicativa da sustentabilidade tem o papel de garantir as condições para sua implementação. A dimensão política⁵ garantiria a igualdade social e econômica em sua codependência do equilíbrio ambiental, enquanto a comunicativa expandiria para o todo social as narrativas acerca do equilíbrio necessário entre natureza humana e não humana, além de defender a igualdade entre classes distintas.

Nosso objetivo é estudar, por um lado, em que medida a classe média neorrural se identifica com grupos subalternos no campo, em função de não mais se dedicar integralmente ao trabalho urbano e intelectual e de rejeitar o consumo distintivo; por outro, como os usos da mídia colaboram com a construção de novas disposições de classe. É como se a equação do consumo como marcador distintivo de classe se invertesse para privilegiar o consumo mínimo como "distinção". Nosso argumento é de que essa não é somente uma escolha moral motivada pela crise ambiental, mas fruto da crise da reprodução da classe média e dos

seus padrões de consumo.

Segundo a pesquisa de Spinelli sobre a classe média neorrural de sítios agroecológicos e de ecovilas, foi o crescimento das redes sociais digitais e particularmente o YouTube, após os anos 2000, que facilitou a migração urbano-rural porque difundiu "alternativas, práticas, técnicas e incentivos para quem gostaria de viver de forma ecologicamente diferenciada" (2020, p. 100). Em nossa pesquisa de campo, fica claro que a proximidade com a natureza ocorre diante de uma combinação entre o desconforto com a vida urbana e a preocupação com a devastação ambiental. Os dados aqui utilizados foram os coletados com moradores de ecovilas no Nordeste (Campina, Bahia), Sudeste (Ecovila Tibá – São Carlos) e Sul (Instituto Arca Verde, RS), seja através de conversas informais ou através da metodologia dos retratos sociológicos (LAHIRE, 2004).

Por consideramos que essa forma de vida é econômica e moralmente motivada, consideramos a contribuição de Axel Honneth e a de Nancy Fraser, que há décadas debatem os dilemas da justiça e do reconhecimento, acompanhados por uma rica produção acadêmica de sagazes intérpretes aqui referidos. Mas faz sentido, segundo nosso ponto de vista, alegar que os grupos de classe média investigados são, mesmo que em níveis mais brandos quando comparados aos pobres, vítimas de injustiça econômica e de injustiça cultural?

A contradição entre o estreitamento das possibilidades materiais e as capacidades potenciais estimuladas para a reprodução do sistema pressupõe que os indivíduos da classe média, por motivos éticos ou por fracassarem em manter a posição ocupada na hierarquia social, padeçam de não reconhecimento. Enquanto a queda da renda e a privação de serviços e bens da classe média é largamente reportada (POCHMANN, 2006), desconhecemos estudos que se dedicam a verificar se a insatisfação da classe média, pelo menos de suas frações minoritárias, resulta em

⁵ Com base em Sachs (2008, 2009), intuimos sobre a necessidade de uma democracia que implemente políticas voltadas para a garantia dos direitos humanos e dos direitos da Natureza. Por outro lado, os casos empíricos das lutas dos movimentos ambientalistas relatados por Martinez Alier (2011) comprovam o envolvimento do Estado nas conquistas ou nos retrocessos das suas reivindicações.

identidades de resistência em relação a identidades legitimadoras (CASTELLS, 1999) consideradas típicas da maioria da classe média, que é considerada grupo aliado da elite dominante na valorização do consumo, na crença na meritocracia e nos seus desejos por ascensão social.

A comunicação como questão de cultura, na forma como entendemos o legado da obra de Martín-Barbero e García Canclini em sua combinação com uma investigação alinhada com autores da teoria crítica e com a discussão de classe social, diz respeito à descoberta das práticas como instrumentos de construção do estar no mundo em liberdade em contraposição ao desconforto gerado pela servidão no trabalho e no consumo. O conceito de alienação parece ser muito apropriado para as reações de um conjunto de indivíduos de classe média que se organiza coletivamente em um novo estilo de vida que caracterizamos a partir de um outro conceito, o da "boa vida", que seria o remédio para o mal-estar do capitalismo do século XXI. Qualquer que seja a resposta para esse conjunto complexo de questões, que dizem respeito ao modo de vida na modernidade e suas promessas não cumpridas de liberdade humana, o que está em jogo são padrões culturais de comportamento que se distanciam da ideologia do mérito e da competição que sustentam o capitalismo.

Assim, o que Richard Johnson designa como a vertente culturalista dos estudos culturais, encarregada de entender o sentido da mídia na vida privada e suas implicações na esfera pública, poderia ser designada, de modo mais apropriado, como a vertente do materialismo cultural, seguindo as pistas do marxismo renovado por Raymond Williams: sempre atento à experiência de classe pelas conexões entre economia, cultura e política. O político aqui significa o conflito entre as classes, que inicia nas relações entre produtores pela apropriação dos meios de produção, por posições ocupadas nas relações de produção, pelo capital econômico acumulado, explorado ou expropriado. O conflito político continua na esfera da distribuição dos bens e do consumo na medida em que o acesso a eles

garante a reprodução do poder econômico pela acumulação de capital cultural.

No caso estudado, os antagonismos subjacentes à constituição de um modo de vida alternativo não se traduzem em "luta política" na qual dominantes e dominados disputam interesses, mas são expressos nas políticas identitárias ou, na expressão de Fraser e Honneth, nas políticas de reconhecimento. Ao que tudo indica, o reconhecimento, nos termos de Bourdieu, o capital simbólico que a classe média das ecovilas busca, relaciona-se à apropriação de um bem raro: áreas de conservação ambiental ou áreas que demandam regeneração ambiental no meio rural que servem de espaço para o estabelecimento das ecovilas.

Após a introdução, onde apresentamos as linhas mestras da discussão, na segunda e terceira parte do texto tratamos da esfera do trabalho e do consumo, posto que a prioridade é caracterizar a nova identidade da classe média pelo modo de vida comunitário reconfigurado a partir destes dois eixos. A orientação prática a essas esferas é dada pela permacultura, introduzida oficialmente no Brasil pelo curso com Bill Mollison organizado pela Prefeitura de Porto Alegre, cidade que também foi pioneira na criação do movimento ambientalista ainda na década de 1970 (SILVA, 2013). Na quarta parte, caracterizamos a atuação das ecovilas em termos de uma comunicação em rede.

A vida boa contra a vida injusta: as raízes do neorruralismo da classe média

É uma classe média que foge da precarização do trabalho assalariado que igualmente ameaça, globalmente, a classe trabalhadora assalariada com a diminuição do proletariado fabril e aumento do assalariado em setores econômicos variados (ANTUNES, 1999). As dificuldades da classe média brasileira no trabalho, a queda na renda e a popularização do consumo são descritas por Márcio Pochmann e equipe (2006, p. 59) em sua análise sobre a crise das décadas de 1980 e 1990: "desindustrialização, hiperinflação, o fechamento

de empresas brasileiras e, na sequência, o agravamento do desemprego congênito". Completados quase cinquenta anos de consolidação do centro dinâmico urbano e industrial no Brasil (1930 a 1980), constituiu-se uma sociedade deformada, composta pelos extremamente ricos, pela classe média não proprietária e pela ampla maioria da população situada na base da pirâmide social. O "sentimento" de ascensão social da classe média estende-se desde a era JK até a ditadura militar, fruto da maior escolarização, do pleno emprego, do consumo de bens duráveis e dos padrões de consumo de serviços de baixo custo graças à mão de obra excedente dos pobres. Ele, no entanto, sofreu um forte golpe a partir de 2008 com a crise global e crise brasileira de 2015 (POCHMANN, 2014; POCHMANN, MORAES, 2017).

Para os indivíduos de classe média, a busca pela libertação do trabalho alienado representa a chance de uma vida melhor, com alimentação saudável, tranquilidade, apoio mútuo. A migração para o meio rural e a moradia em comunidades já estabelecidas ou recém-criadas implica ultrapassar a atomização individualista em grupos de interesses para fundar uma experiência de trabalho e convívio coletivo entre unidades familiares e unidades individuais que são integradas pelas normas e consensos gestados nas comunidades. A experiência relatada em livro de Giuliana Capello (2017), como moradora de ecovila e conhecedora de ecovilas em vários continentes, permite generalizar ainda mais o que encontramos na pesquisa empírica e na literatura brasileira sobre o tema: a vida em comunidade significa reverter certa alienação ou individualismo que cerca os cidadãos e têm o trabalho assalariado como atividade que ocupa a maior parte do tempo de suas vidas, conduzindo a uma sensação de solidão e esvaziamento de um sentido maior para a vida.

Qualquer que seja a transformação da identidade da classe média, ela está associada ao trabalho e consumo como dimensões ontológicas do modo de vida, pois, em termos empíricos, a categoria classe social é apreendida a partir de uma dada posição na esfera econômica e de

um padrão de consumo, quando a luta na esfera "política" (MOUFFE, 2001, p. 417) parece silenciada em função do domínio do mercado sobre o Estado e suas bases deliberativas na resolução dos antagonismos entre grupos e indivíduos. O resultado deste domínio é o enfraquecimento das instituições que zelam pelos direitos civis e políticos, a carência de acesso a serviços de saúde, educação, emprego e segurança. A associação entre direitos e estilo de vida ou "qualidade de vida" (SEN, 2010 p. 39) é óbvia, mas precisamos refletir sobre o trabalho e o consumo como dimensões-chave para uma "vida boa" e para uma "vida justa". A vida boa, categoria cunhada por Honneth, significa distribuição igualitária dos bens, indivíduos socialmente reconhecidos e moralmente respeitados. Mas ela deve ser complementada à categoria "vida justa", outro modo de nos referirmos à importância da justiça distributiva, tal como desenvolvida por Nancy Fraser.

Em uma sociedade que subverteu as promessas de bem-estar e satisfação das necessidades da classe média, vale dizer, que não implementou nenhuma política distributiva, supomos que haja uma fraca adesão àquelas marcas que reproduzem a civilização industrial: a produtividade, a produção irrefreada de mercadorias e o consumo de massa. A nova vida da classe média está assentada em formas distintas de trabalhar e consumir em harmonia com a natureza, e a identidade segue parcialmente a orientação cultural da sociedade capitalista. Por isso, a discussão de Nancy Fraser sobre a reprodução do sistema social oferece um contraponto para tensionar nossa tese de um modo de vida alternativo no capitalismo.

Para ela, a manutenção da ordem se assenta em quatro questões de fundo não econômicas: reprodução social, a ecológica, expropriação (de populações subjugadas), política (o Estado a serviço do mercado). A elas estão associadas, respectivamente, a produção, a natureza humana, a exploração, o mercado. No caso das ecovilas, estão em jogo a produção ou o trabalho, a reprodução ou a esfera privada e do consumo, a apropriação da natureza. Fica muito clara a ne-

cessidade da classe média de resgatar as zonas não comodificadas, operando com lógicas não mercantis na esfera da produção, da reprodução e da natureza: no primeiro caso, praticando preços justos pelos produtos vendidos e adotando estratégias de produção que seguem os princípios da "economia solidária" (BOLLA; MILIOLI, 2018, p. 72); no segundo, com os ideais de cuidado, responsabilidade mútua e solidariedade entre os moradores; no terceiro, o fomento a valores de sustentabilidade, proteção e justiça entre as gerações (FRASER; JAEGGI, 2020, p. 67)

Se para Fraser as questões de fundo são parte de uma visão expandida do conflito de classes, no caso das ecovilas os conflitos são solucionados sem ou com pouca reivindicação política. Uma das reivindicações das ecovilas é justamente a da legalização jurídica, pois a regulamentação fundiária no meio rural não permite a posse coletiva da terra.

A constituição das ecovilas é uma alternativa para certa autonomia em relação a essas opressões e decorre do manejo para :a) na esfera da produção, se livrar da exploração, o que implica ter os meios básicos de subsistência extraídos da natureza e da terra; b) na esfera da reprodução, permitir o cuidado de si e da família em uma rede mais ampla de cooperação, visto que a classe média não tem mais renda para contratar o serviço dos cuidadores; c) atender às necessidades de trabalho e consumo sustentável sem o apoio das políticas distributivas do Estado e sem depender totalmente de serviços e bens oferecidos pelo mercado. Vamos nos concentrar nos aspectos da discussão que interessam para entender a perseguição da classe média por uma forma de vida qualitativamente diferente, pelo menos na sua formulação prática ideal de uma luta social que não é exatamente emancipatória, mas construída localmente e inspirada globalmente.

Portanto, a discussão trata de como um grupo de classe média lida com a exploração econômica no trabalho, com as dificuldades de constituir família e cuidar dos filhos ou de si mesmo, com a redução ou insatisfação com as opções de lazer no meio urbano, entre outras. Um dos principais

motivos para a busca por essa forma de vida é a autorrealização no trabalho comunitário no qual se restauram as relações de reconhecimento e autonomia pela parceria na cooperação, perdidas com o trabalho alienado. A outra razão tem ligação com a esfera da reprodução ou do cuidado, a que inclui todas as atividades que criam, socializam, nutrem, sustentam e reabastecem os seres humanos como gestação, parto, alimentação, higiene, socialização, educação, cura, proteção e consolo. Em suma, tudo o que foi transferido para a esfera de proteção doméstica.

Finalmente, a proximidade com a natureza é tanto uma necessidade voltada para a autonomia alimentar quanto a predileção da classe média pela ecologia, reportada tanto no que diz respeito à própria fundação do movimento ecológico na década de 1970, no Brasil, como em investigações como a de Giuliani (1990) e Spinelli (2020) sobre as motivações da classe média urbana que se estabelece no campo. Ambas as pesquisas revelam que a busca pela soberania individual e pelo "prazer de fazer" são motivadores para, respectivamente, classe média alta empreendedora e a classe média que decide morar no campo, seja em propriedade particular ou em ecovila. Spinelli explora com mais detalhes as queixas que impulsionam a mudança e todas elas repetem o que encontramos na pesquisa de campo: a insatisfação no trabalho, a descrença no consumo como forma de satisfação, a incapacidade de escolha para uma vida com mais autonomia diante do círculo vicioso entre trabalho e consumo e, finalmente, a percepção de que o desajuste com a vida urbana pode ser contornado com a aproximação com a natureza.

A ética ecológica das ecovilas segue a cartilha prática da permacultura para a manutenção das necessidades básicas de abrigo, alimentação, saúde, trabalho e cuidado de forma a gerar "bem-estar" e a conservar os recursos naturais para as próximas gerações. As influências da cosmovisão de povos indígenas assim como de correntes místicas e espirituais são mescladas com a "base material e humanista" defendida por David Holgren, cocriador da permacultura (apud

SILVA, 2013, p. 200).

O trabalho é a base sobre a qual esse modo de vida é erigido e ele se caracteriza por ser concreto, livre, criativo e autogerido, ao contrário do trabalho alienado e suas técnicas destinadas à dominação, ao valor de troca e à maximização dos lucros. A produção agrícola e toda a projeção do espaço em uma ecovila é feita com tecnologias de baixo custo, manuais e de fácil manuseio: bioconstrução, uso de energia, tratamento de efluentes domésticos, entre outros. Além da agricultura de subsistência, algumas ecovilas conseguem gerar renda com a venda de excedentes e de cestas com alimentos produzidos na própria comunidade. Outras fontes de renda das comunidades incluem hospedagem, visitas, educação ambiental e cursos de permacultura que capacitam os alunos para a implementação de ecovilas rurais ou urbanas. Paralelamente ao trabalho agrícola e todo o serviço na construção e manutenção das instalações da comunidade, seus membros podem continuar a exercer suas ocupações urbanas em áreas como educação, saúde, serviço social, engenharia, artes, nutrição etc. Nem camponês, nem trabalhador urbano, a classe média das ecovilas representa um desafio para a compreensão desta nova identidade híbrida.

Diante do exposto, observamos que o fenômeno pode ser também compreendido sob a ótica da luta por reconhecimento moralmente motivada de Axel Honneth, a qual envolve três condições que, na sua ausência, implicam desrespeito à dignidade humana: amor, direito e solidariedade. No caso estudado, priorizamos a solidariedade que, pelos depoimentos até agora coletados, nos parece ser o valor que congrega os indivíduos em comunidades. A esfera do direito também é relevante porque as comunidades atendem a alguns direitos fundamentais dos indivíduos, como alimentação e moradia. Em um sistema neoliberal que gera insegurança, perda de direitos no trabalho e queda na renda, o fim do protagonismo do Estado para compensar a crescente desigualdade (GAVA, 2021), a classe média reinventa uma vida baseada no vínculo

e no compromisso, em uma comunidade compartilhada de valores que incluem o cuidado da natureza e do Outro.

O anticonsumismo da classe média

Seguindo a sociologia da cultura de Raymond Williams, nenhuma questão moral ou cultural, no caso que nos interessa, a propensão ao anticonsumismo, é impulsionada por si mesma, mas pelo caráter das relações sociais. O argumento é que, à semelhança do comprismo na história da privacidade burguesa (SENNET, 1999; COSTA, 2004), o consumo de bens materiais e simbólicos volta a ter a função moral de servir, por um lado, aos ideais expressivistas ou estéticos da personalidade; por outro, à preocupação com o bem-comum.

O que muda no estilo de vida é que o trabalho se alicerça mais nas qualidades e nos valores de uso do que é produzido enquanto o consumo parece resgatar suas filiações à moral sentimental e não ao gozo das sensações, destituído de propósitos coletivos (COSTA, 2004).

Então é preciso usar dois termos, consumo e anticonsumo ou o termo que ouvimos em ecovilas, em depoimentos em vídeos no YouTube sobre a transição campo-cidade ou mesmo em cursos online de permacultura: a "simplicidade voluntária". O termo começa a ser utilizado a partir da publicação do livro de Duane Elgin (1993) catalogado como autoajuda, por oferecer uma análise, baseada em dados de um *survey* aplicado em 1977, nos Estados Unidos, que detectou a tendência de certas pessoas, usualmente de classe média ou alta, a uma vida espiritual baseada na redução do consumo de bens, produtos e serviços e na consciência ambiental (SILVA; HOR-MEYLL, 2016).

A hipótese sobre as formações culturais que contextualizam esse novo modo de vida é de que existem, pelo menos, duas éticas combinadas, a sobreposição da contracultura (romântica) e do individualismo da diferença e a lógica do ecologismo. A primeira preserva os ideais da autenticidade com os ideais iluministas da igualdade, liberdade, fraternidade. A presença dos valores da

contracultura é visível para muitos entrevistados, mesmo em tensão com os estereótipos negativos dos hippies, sobretudo o ideal da vida autêntica, inspirado no romantismo. O fato é que as comunidades alternativas dos 1970 são referências no imaginário dos moradores das ecovilas e seus remanescentes continuam reunidos na Associação Brasileira de Comunidades Aquarianas e incorporaram as mesmas técnicas da permacultura implementadas nas ecovilas (CAPELLO, 2017). Afinal, uma das questões centrais para a contracultura eram as relações harmoniosas com o meio ambiente e todos os seres. As mesmas pautas contraculturais (SOUZA, 2013) podem ser percebidas na formação das comunidades: anti-consumismo, vida comunitária, vegetarianismo, espiritualismo, crítica aos meios de comunicação de massa, discordância com os princípios do capitalismo e o respeito às diferenças individuais sem abrir mão da igualdade.

Retoma-se o elogio ao mundo natural, a busca da autenticidade, do ideal do Eu, dos sentimentos afetivos concomitantemente à valorização da "simplicidade voluntária" e do consumo mínimo. Para nós, é uma espécie de retorno à moral dos sentimentos onde os bens tinham uma função moral clara: revelar o aprimoramento espiritual e a identidade pessoal.

É através do consumo que esta identidade se manifesta mais explicitamente nas narrativas das ecovilas em suas redes sociais, por um lado, refrutando ou aniquilando necessidades em prol do bem-estar coletivo e planetário; por outro, promovendo cursos sobre o modo de vida de baixo impacto ambiental que envolve construção de moradias, produção de alimentos, uso da água, energia, lixo e esgoto. As ecovilas ensejam o turismo ecológico, as práticas espiritualistas, a produção e consumo de alimentos orgânicos, de cosmética natural, o sistema produtivo pelos princípios da permacultura etc.

Retomar a questão do comportamento consumista (CAMPBELL, 2001), mesmo que tenha sido considerado um termo inapropriado pelo seu tom "acusatório" e "moralista", é urgente. O consumismo é simplesmente reflexo da produção

em massa, da publicidade, da valorização hedonista do prazer pessoal etc. (LIPOVETSKY, 2007) e não pode ser negado quando os limites para a continuidade da vida na terra são tão evidentes.

Sabemos que a inconsciência de classe ou a pura rejeição à ideia de pertencimento de classe é reveladora do espírito necessário ao capitalismo (SENNETT, 2007): o individualismo incorporado não permite que as pessoas percebam as determinações estruturais nas oportunidades de vida e vejam as dificuldades na sobrevivência como uma falha pessoal.

Enquanto a circulação de narrativas sobre as ecovilas e seu modo de vida calcado na sustentabilidade ambiental é mais representativo nas plataformas digitais, segundo os depoimentos até agora coletados, a temática da destruição ambiental que mobiliza a constituição das ecovilas desde sua origem, na década de 1990, provém de múltiplas fontes, sobretudo do discurso escolar, da televisão, dos livros, das mídias tradicionais em geral e das mídias digitais alternativas.

A comunicação em rede

A comunicação em rede ou as práticas da comunicação em rede parece ser a designação apropriada para descrevermos o consumo de narrativas digitais e da mídia tradicional e a produção de conteúdo pelos usuários nas plataformas sociais e a comunicação em redes interpessoais fora do ambiente "virtual". Em síntese, a comunicação em rede envolve tanto a apropriação da produção simbólica dos conglomerados midiáticos (nos meios tradicionais ou digitais) e das mídias alternativas, como o conteúdo produzido pelos usuários da autocomunicação de massa e a comunicação face a face que retroalimenta o circuito mediado pelos dispositivos tecnológicos da televisão, das plataformas de *streaming*, do computador, *smartphones* etc.

Como já introduzido mais acima, há uma correlação entre a circulação do individualismo, do ecologismo e ideais práticos de sustentabilidade nas redes digitais e o surgimento das ecovilas em um contexto de precarização do trabalho e de queda da renda da classe média brasileira com

impactos nos seus modos de consumir. Ora, em uma sociedade onde a tensão entre o que o trabalho pode pagar e a abundância de uma oferta de bens só pode ser conquistada pelo endividamento, presume-se que parte da classe média comece a questionar tais valores em primeiro lugar pela dificuldade em emular uma identidade pela distinção no consumo. Agora distinguir-se é adotar o consumo mínimo ou o consumo consciente, sendo que os ideais ecológicos da sustentabilidade combinam perfeitamente com o individualismo das diferenças, preservando tanto o cerne do individualismo moderno iluminista, assentado na igualdade entre os indivíduos, na autorresponsabilidade e na autonomia individuais, como no individualismo das diferenças propriamente dito, baseado na autenticidade e singularidade individuais (HONNETH apud CENCI, 2013). É nas comunidades que a classe média encontra um meio de reagir à ideologia e à força produtiva do individualismo da autorrealização, na medida em que, no meio urbano, só havia a opção de se tornarem "gerentes de si mesmos" pela incapacidade do sistema de gerar as condições intersubjetivas que caracterizam o reconhecimento regido pelo respeito mútuo através da confirmação das capacidades e necessidades individuais (HONNETH apud CENCI, 2013, p. 319-321).

As relações com os outros, desde o século XIX, revestem-se em buscas de si mesmo, até que, no neoliberalismo do século XX, o individualismo da autorrealização contemporâneo assume o lugar de ambos. Angelo Cenci explica que "se o individualismo do século XVIII, iluminista, estava baseado no ideal universalista da igualdade e da liberdade, o do século XIX, romântico, estará ancorado nos ideais de distinção e singularidade" (2013, p. 316). Ora, em nossa interpretação, essas duas fases do individualismo parecem imbricadas, não havendo a completa dissolução do individualismo iluminista, enquanto, nesta fusão, o individualismo das diferenças é dominante e contém traços arcaicos do anterior.

O paradoxo é que essa diferença expressa em um modo de vida idiossincrático só pode ser

realizada coletivamente por um pequeno grupo que cria as condições de vida para si mesmo a partir do vínculo comunitário que envolve uma série de características existentes em outras comunidades, também chamadas contraespaciais (SILVA, 2013) pela oposição à racionalidade capitalista e também criadas pela classe média: valorização do hedonismo, da espiritualidade, do trabalho manual e artesanal, organização coletivista dos meios de produção, estabelecimento de uma agricultura de pequena escala para suprir as necessidades da comunidade a qual orienta as atividades que geram valores de troca pelos valores de uso. Os vínculos entre os moradores de comunidades se organizam de forma descentralizada e autogestionada e, mais que isso, a empatia e o "acolhimento" são valores centrais na convivência diária.

A existência das ecovilas se deve à internet, segundo o depoimento de um dos fundadores de uma das mais longevas ecovilas do Brasil, O Instituto Arca Verde. A história das comunidades atesta que o papel da internet equivale, no século XXI, ao dos romances utópicos e à circulação dos ideais socialistas que motivaram o surgimento das comunidades intencionais nos Estados Unidos, nos séculos XIX e XX utópicos (SARGISSON; SARGENT, 2004). Agora são os ideais ecológicos que, desde a divulgação do relatório Meadows e da Conferência de Estocolmo (1968 e 1978), motivam as iniciativas da preservação e do uso sustentável dos recursos pelos atores sociais. Hoje, as comunidades funcionam como centros de "pesquisa, educação, demonstração e/ou treinamento de técnicas e práticas sustentáveis" (CAPELLO, 2017, p. 49).

Como se expressa o estilo de vidas desses assentamentos humanos na mídia? É através das redes sociais (sobretudo Facebook e Instagram) que parte da renda para seus moradores é gerada através do anúncio de cursos, workshops, vivência e produtos alimentícios agroecológicos oferecidos ao público externo. Além de uma estratégia econômica, o conteúdo gerado pelos chamados círculos de comunicação das ecovilas, responsável pela alimentação desses canais, as

postagens têm o intuito pedagógico de mostrar que viver de forma sustentável é possível. Pode-se afirmar que a presença das ecovilas é raríssima na mídia hegemônica, limitando-se a reportagens ocasionais em noticiários televisivos e Canal Futura.

Ora, as formas de vida só podem ser transmitidas culturalmente e, contemporaneamente, através da sua circulação nos meios de comunicação impressos, audiovisuais, digitais. Resta saber se essa transmissão poderá servir para fomentar alianças entre os diferentes atores sociais promotores da sustentabilidade. Para responder a essa questão em pesquisas futuras, a perspectiva da comunicação para a mudança social nos parece uma das mais adequadas (TUFTE, 2015, p. 11) porque sugere estratégias de comunicação para a mudança: a) comunicação horizontal e participativa, a partir da qual se antecipa outro modo de viver e ao mesmo tempo, incida nas estruturas políticas e econômicas dominantes para transformá-las; b) organização comunicativa em rede, que visibiliza diferentes vozes, legitimando a todos os atores igualmente.

Sob este ponto de vista, a dimensão política da sustentabilidade necessitaria estar presente nas ações ambientais e sociais das ecovilas, e as alianças práticas que ocorrem nas trocas econômicas com os subalternos seriam complementadas com ações comunicativas conjuntas.

Considerações finais

Nossa intenção é esclarecer a implicação da mídia e da cultura do consumo na ética comunitária e nos ideais universais do ecologismo como parte de uma problemática de classe, porque nossa capacidade de viver junto, em cooperação, não depende somente da democratização da cultura pela mídia, mas de mudanças estruturais no processo coletivo de enfrentamento da desigualdade. Em alguma medida, a classe média altera seu estilo de vida em função de um complexo conjunto de fatores econômicos e culturais, sendo a mídia uma das mediações onde circulam formações culturais decisivas para inspirar os novos estilos.

A comunicação nas redes digitais torna possível a existência das ecovilas, porque é através delas que elas são reconhecidas como lugares agradáveis que podem ser experimentados na busca do bem-estar, baseadas na vida simples e distante das lógicas mercantilizadas da sociedade de consumo, e assim promovem a sustentabilidade econômica com a presença de visitantes e de voluntários. Os moradores das ecovilas ali permanecem firmes no propósito de escapar da alienação, da exploração, do individualismo e do consumismo. E as redes são também modos de serem reconhecidos como parte de uma comunidade global de ecovilas. O efeito-demonstração da vida em comunidade onde se compartilham equipamentos e utensílios, meios de transporte e valores é o mais notável atributo das redes digitais e pessoais.

De acordo com os depoimentos da pesquisa de campo e com a literatura revisada, a maior dificuldade para o funcionamento das ecovilas, junto com a questão econômica e a legalização da posse da terra, são os relacionamentos. A sobrevivência econômica das ecovilas depende da capacidade de elas atraírem adeptos pela propagação de seus ideais em redes digitais e sua modalidade de comunicação de um para muitos. As relações sociais demandam atenção especial às "dinâmicas comunitárias, às relações de poder [...] e à resolução de conflitos" (SOBRAL, 2019, p. 26). Em outras palavras, a eficácia da comunicação entre os indivíduos em uma relação de "colaboração" e horizontalidade (MYCHAJLUK, 2017, p. 184).

Até o momento, parece-nos que um dos efeitos dos meios de comunicação, digitais ou massivos, é o de fazer circular e transmitir para várias gerações, desde a década de 1960, o pensamento ecológico de modo a transformá-lo em um dos ícones centrais do imaginário contemporâneo" (PÁDUA, 2005, p. 60), que reverbera, em particular, para uma classe média desiludida com a paisagem industrial e urbana. Primeiro, o ecologismo desvaloriza o produtivismo, associa o progresso à catástrofe social e ambiental enquanto louva o mundo natural e o viver simples de comunidades.

Paralelamente, as comunidades intencionais adotam também a contracultura e seus elementos estéticos, éticos e espirituais, que também estão em sintonia com o individualismo das diferenças e seu apelo ao respeito à diversidade. Ao que tudo indica, um dos elementos cruciais para que as comunidades possam ser mais bem integradas a outras formas de luta pelo meio-ambiente é a disposição do poder público em atuar como contraposição aos interesses do mercado, tanto no plano da redução do nível de consumo (HONNETH, 2015) como em outras questões ligadas ao meio-ambiente.

O papel da mídia globalizada é um dos pontos a serem esclarecidos nesta pesquisa, porque se observa o quanto a circulação de técnicas de organização (como a sociocracia) e de construção de ambientes sustentáveis (como a permacultura) são adotadas pelas ecovilas brasileiras, seguindo o exemplo das ecovilas em outros continentes. Isso talvez implique entrave para a comunicação com as classes trabalhadoras e comunidades tradicionais, em função de um vocabulário distinto entre os agentes e que não está disponível para os subalternos?

Referências

- ANTUNES, R. Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. **Estudos avançados**, [S. l.], v. 28, n. 81, p.39-53, 2014.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- BÔLLA, K. D. S.; MILIOLI, G. Pensamento complexo, sociedade de consumo e perspectivas de sustentabilidade no universo e na dinâmica das ecovilas. **Sociedade em Debate**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 55-81, maio/ago. 2018
- BOURDIEU, P. **A distinção**. Crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BRANDENBURG, A. A. Ciências sociais e ambiente rural: principais temas e perspectivas Analíticas. **Ambiente & Sociedade**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 1-14, 2005.
- BRIGNOL, L.; COGO, D.; MARTÍNEZ, S. L. Redes: dimensión epistemológica y mediación constitutiva de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo. In: RINCÓN, O.; JACKS, N.; SCHMITZ, D.; WOTRICH, L. **Un nuevo mapa para investigar las mutaciones culturales**. Quito: CIESPAL, 2019. p. 187-214.
- CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CAPELLO, G. **Meio Ambiente & ecovilas**. São Paulo: Editora Senac, 2013.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- CENCI, A. V. Individualização e reconhecimento. **Educação**, [S. l.], v. 36, n. 3, p. 314-324, set./dez. 2013.
- COSTA, J. F. **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- EDER, K. **A nova política de classes**. São Paulo: Edusc, 2002.
- ELGIN, D. **Simplicidade voluntária**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1993.
- ESCOSTEGUY, A. C. Um tributo a Martín-Barbero. Fazendo memórias da trajetória. **Intexto**, [S. l.], n. 43, p. 24-34, set./dez. 2018. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/80848>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- GAVA, R. **Ricos e malandros**. Santa Maria: Editora UFSM, 2021.
- GIULIANI, G. M. Neoruralismo: O Novo Estilo dos Velhos Modelos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 59-67, 1990.
- HONNETH, A. **O direito da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- LAHIRE, B. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LOPES, M. I. V. de. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **Intexto**, [S. l.], n. 43, p. 14-23, set./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/81160>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- MARTÍNEZ ALIER, J. **O ecologismo dos pobres**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MORI, L. Porque a classe média está ficando muito endividada em vários lugares do mundo segundo a OCDE. In: **BBC**, [S. l.], 6 out. 2021. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47882648>. Acesso em: 7 nov. de 2021.
- MOUFFE, C. Identidade democrática e Política Pluralista. In: SOARES, Luiz Eduardo (ed.). **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 410-429.
- MYCHAJLUK, L. Learning to live and work together in an ecovillage Community of practice. **European Journal for Research on the Education and Learning of Adults**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 181-196, 2017.
- PÁDUA, José Augusto, Herança romântica e ecologismo contemporâneo. Existe um vínculo histórico? **Varia História**, [S. l.], v. 21, n. 33, p. 58-75, 2005.
- PERUZZO, C M. K; VOLPATO, M. de O. Comunicação para o desenvolvimento: aspectos teóricos da modernização ao Buen Vivir. **G&DR**, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 11-26, jul. 2019.

POCHMANN, M.; MORAES, R. **Capitalismo, classe trabalhadora e luta política no Brasil do século XXI**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017.

POCHMANN, M. **O mito da grande classe média**: capitalismo e estrutura social. São Paulo: Boitempo, 2014.

POCHMANN, M.; GUERRA, A.; AMORIM, R.; SILVA, R. (org.). **Atlas da nova estratificação social no Brasil**: classe média, desenvolvimento e crise. São Paulo: Cortez, 2006. v. 1.

RONSINI, V. M. Usos da mídia e reconhecimento social da classe média das ecovilas. **E-Compós**, [S. l.], v. 25, p. 1-20, 2021.

RINCÓN, O.; JACKS, N.; SCHMITZ, D.; WOTRICH, L. **Un nuevo mapa para investigar las mutaciones culturales**. Quito: CIESPAL, 2019.

SACHS, I. **Desenvolvimento**: incluyente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SARGISSON, L.; SARGENT, L. T. **Living in utopia**: New Zealand's intentional Communities. England: Ashgate, 2004.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SENNETT, R. **A cultura do novo capitalismo**. Lisboa: Relógio D'Água, 2007.

SILVA, L. F. de M. e. **Ilusão concreta, utopia possível**: contraculturas espaciais e permacultura. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013.

SILVA, R. C. M. da.; HOR-MEYLL, L. F. Simplicidade voluntária: escolhendo uma nova forma de viver. **Pretexto**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 98-116, 2016.

SKEGGS, B. **Formations of class and gender**. London: Sage, 2002.

SKEGGS, B. **Class, self and culture**. London: Sage, 2004.

SKEGGS, B. The Re-Branding of Class: Propertising Culture. In: DEVINE, Fiona; SAVAGE, Mike; SCOTT, John; CROMPTON, Rosemary (ed.). **Rethinking class**: culture, identities and lifestyles. New York: Palgrave Macmillan, 2005, p. 46-68.

SOBRAL, D. G. C. **Ecovilas e ética ambiental**. Utopia Saloia: o caso da ecoaldeia de Jana. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação do Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2019.

SÓLON, P. **Alternativas sistémicas**. La Paz: Fundación Sólón, 2017.

SOUZA, G. C. de. Herança da contracultura: a comunidade hippie de Arembepe, Camaçari-Bahia (1970-2012). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-BRASIL, 27., 2013, Natal, RN. **Anais** [...]. Natal: UFRN, 2013.

SPINELLI, A. M. 2020. **Projeto de vida agroecológica**: uma opção da classe média. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2020.

TUFTE, T. **Comunicación para el cambio social**. Barcelona: Icaria, 2015.

Veneza Mayora Ronsini

Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP Brasil; com período sanduíche na University of California, USA. Realizou estágio sênior na Nottingham Trent University (Inglaterra) e na Loughborough University London, com bolsa CAPES. Pesquisadora do CNPq e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil. Coordenadora do grupo de pesquisa Usos Sociais da Mídia (CNPq).

Endereço para correspondência

Veneza Mayora Ronsini
Universidade Federal de Santa Maria
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Av. Roraima, 1000, prédio 21
Camobi, 97105-900
Santa Maria, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação da autora antes da publicação.